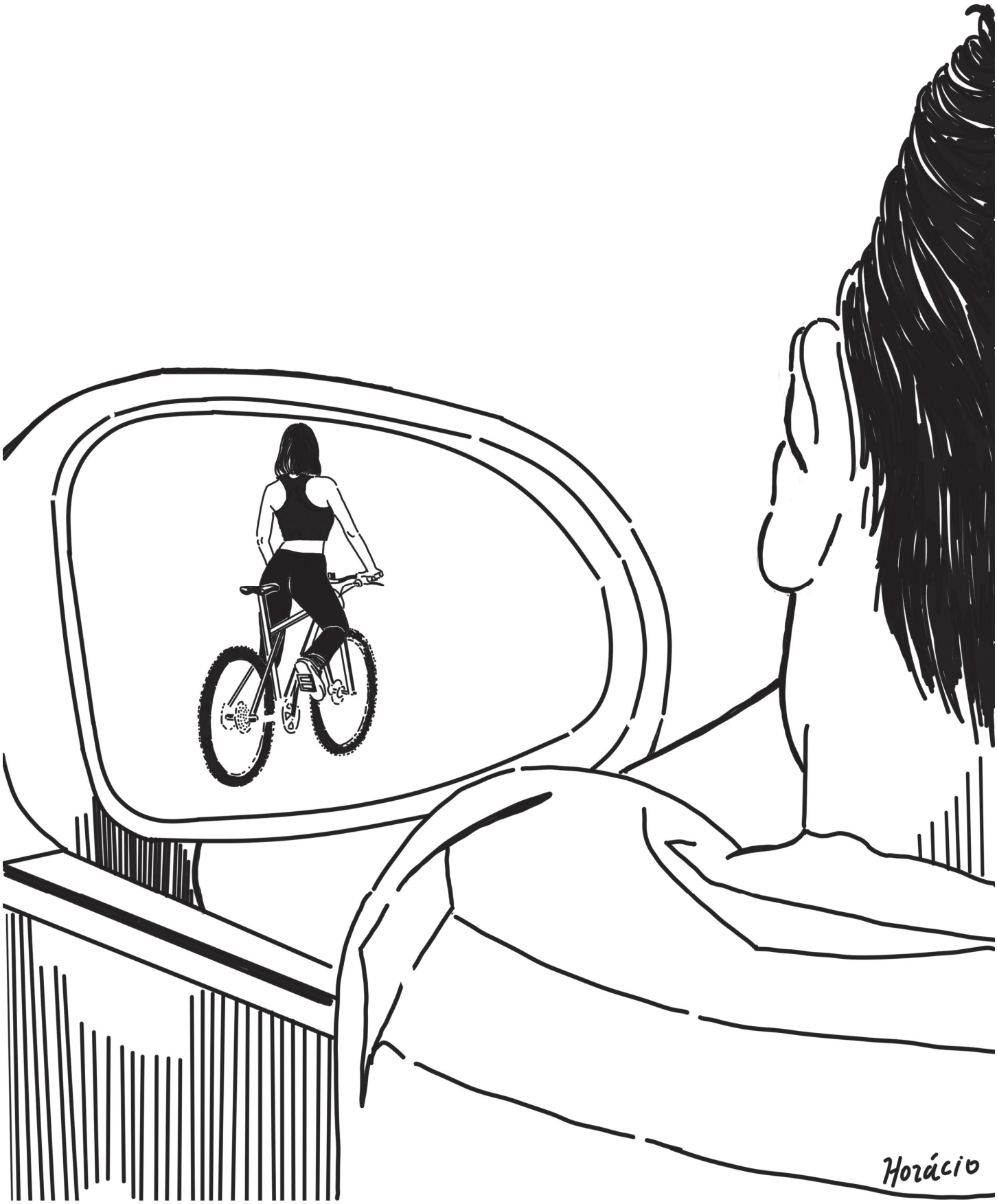
SOBRE SERES & HUMANOS

THIAGO GALDINO

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2024


Horácio

AMOR À PRIMEIRA VISTA

E pensar que ontem deixou passar, despercebida. Hoje não; ia ser diferente. Só de lembrar o coração explodia. Até futebol tinha perdido importância… Os olhinhos, atentos, por nada piscavam. Enfim avistou:

— Viu lá, pai?

— O quê?

— Vê no retrovisor, antes da curva.

— Não vejo nada.

Como não? Certamente estava brincando.

— Calçada alta, depois da oficina. Olha!

— Já disse, rapaz, não vi!

Então era verdade. Tudo arruinado!

— Ah, deixa pra lá!

— Quê que era?

— Nada não. Esquece…

— Fale!

— Nada não.

(Silêncio)

— Mas foi bom, pai, o jogo. O senhor jogou muito bem.

— Você achou?

— Achei.

— De verdade?

— É.

— Mas levar drible do Arnaldo, é mole? Até agora não sei que danado foi aquilo. Tava aqui pensando…

— Vai ver foi azar, pai. Às vezes acontece.

— Mas logo do Arnaldo, perna de pau como é?

— Talvez não fosse o seu dia.

— Sabe que você falando assim até convence? Já tava me aborrecendo… mas pode ser, ainda mais com todo mundo secando a gente. Campeão é osso!

— Viu só? Foi isso mesmo!

— Foi.

(Silêncio)

— Filho?

— Quê?

— Tudo bem com você?

— Tudo.

— E essa carinha de tristeza?

— Nada não.

— Sabe que eu vi, lá atrás?

— Viu mesmo?

— Vi. Branquinha, né?

— É. Que achou?

— Um pouco grande pra você.

— Mas ela é tão bonita!

— Mesmo assim. Pareceu meio grandinha pra você.

— Pai…

— Você tá é apaixonado!

— Apaixonado nada!

— Certo.

— Pai!…

— Você é quem manda, filho.

— Posso passear com ela?

— Passear?

— É.

— Acho que vai ter que esperar um pouco mais. Crescer…

— Demora muito, pai!

— Eu sei, já passei por isso. Papai era nó cego, me fez esperar treze anos. Friozinho na barriga, né?

— É.

— Seu avô nunca que saiba disso, mas vou deixar você ficar com ela.

— Vai mesmo?

— Vou. E pra falar a verdade, também gostei daquela bicicleta.

Horácio

ANINHA

O cheiro de cachaça invadiu o barraco após o barulho. Já havia apanhado por falhas bem menores, e com certeza o padrasto não perdoaria uma garrafa de cana quebrada. Os olhos penetrantes do homem a ameaçavam, e ela já se preparava para o que estava por vir. Queria pedir desculpas, dizer que não foi sua intenção, estava apenas "inaugurando" a bola rosa que ganhara da associação comunitária, — o presente que todas as meninas queriam receber.

Mas era tarde demais! A primeira lambada de corda molhada acertou de surpresa sua coxa. Quis esquivar-se da segunda, mas foi novamente atingida e caiu. Sentiu ainda mais uma meia dúzia de pancadas em seu corpo, e então percebeu que a mãe havia chegado para lhe defender, nem que para isso fosse necessário apanhar também. E sempre apanhava.

Aninha tinha apenas nove anos, mas aqueles olhinhos infantis já refletiam a vida sofrida que sempre levou. Nunca entendeu por que a mãe, depois da morte do marido drogado, foi parar com um sujeito embriagado. Ela sempre lhe dizia que era ruim com ele, mas que seria bem pior sem ele, pois apesar de toda a sua violência, fazia uns bicos vez ou outra para ajudar no sustento. Aninha entendia que ela se referia ao sustento do

álcool, pois bem sabia que se não fosse a mãe fazendo faxina nas casas dos ricos todos os dias, eles já teriam morrido de fome.

O barraco em que moravam não tinha energia e era cheio de ratos, que saiam do chão de terra batida e corriam sobre os seus dedos, espalhando na pele perebas purulentas, mas Aninha não se importava com essas coisas. Nem mesmo a miséria lhe afetava, ou os percevejos que sugavam o pouco sangue que tinha.

Era o lado pobre da sociedade. A parcela que ninguém vê. Um ninho de cobras multifárias que se constringem asfixiadoramente sobre o lixo e o horror, botes precisos entre espécies inferiorizadas. Ela olhava pro céu, procurava Deus; queria quebrar a casca e se sentir águia, rapinar a liberdade no horizonte infinito. Vivia com medo da morte.

O fim chegou primeiro à sua mãe, num câncer de estômago, contraído pela comida estragada que os alimentou praticamente por toda a vida. Mulher forte, destemida e guerreira, era assim que Aninha queria se lembrar da mãe, e por isso não chorou, nem no enterro, nem dias depois… Não por fora.

Também não queria nem pensar em como as coisas ficariam sem sua protetora por perto. O padrasto logo a obrigou a trabalhar nas casas, exercendo a antiga atividade de sua mãe, e quando retornava ao barraco, tinha que continuar os afazeres do lar, pois agora era uma "dona de casa". Com a mocidade surgindo, seu corpo tomava formas e curvas, e enquanto varria a terra, o homem a devorava com os olhos, observando por baixo da saia a cada descuido da enteada. Não tinha o que fazer, a necessidade a obrigava a usar peças de roupas cada vez mais curtas, até quando recebesse alguma doação compatível com a sua mudança repentina.

E D I T O R A
www.editorapenalux.com.br
penaluxeditora@gmail.com

C O N T A T O
thiago.jefferson@hotmail.com

Livros iluminam

Este livro foi composto em Minion Pro
pela Editora Penalux e impresso em papel
off-white 80 g/m², em março de 2024.